

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

FRUTICULTURA – ACEROLA	2
MILHO	3
SOJA	4
BOVINOS	4
APICULTURA.....	5
AVICULTURA DE CORTE	7

O 21º Boletim Conjuntural do Deral destaca a reconfiguração do comércio externo e os ajustes de margens no agronegócio paranaense. O principal alívio setorial vem da apicultura, com a derrubada do "tarifaço" de 50% nos Estados Unidos, abrindo caminho para a recuperação das exportações de mel, onde o Paraná mantém a vice-liderança nacional.

No campo e nas cadeias integradas, o cenário alterna recordes logísticos e pressões financeiras.

A soja registrou excelente desempenho no primeiro quadrimestre, com alta de 3,2% no volume exportado pelo Paraná e salto de 10,6% no faturamento (US\$ 2,3 bilhões), sob liderança absoluta das compras chinesas (59%).

No milho segunda safra, as primeiras geadas provocaram danos pontuais no Sul,

elevando as lavouras em condições ruins para 5%. Contudo, o impacto na produção total é minimizado pela concentração das áreas cultivadas no Norte (35,7%) e Oeste do estado.

Apesar do crescimento de 15% nas exportações nacionais de carne bovina, a maior oferta interna de animais manteve a arroba em queda (2,72% no mês), cotada a R\$ 343,00 no Paraná, onde o frio também afeta as pastagens.

Na avicultura de corte o produtor enfrenta um cenário de margens negativas. O preço pago pelo frango vivo no Paraná (R\$ 4,62/kg) fechou abaixo do custo de produção (R\$ 4,70/kg), pressionado pela alta recente do milho e do farelo de soja.

No setor da fruticultura, a acerola movimentou R\$ 13,2 milhões no estado, consolidando-se como atividade estratégica para a agricultura familiar e cooperativas de orgânicos. O núcleo regional de Cianorte lidera com 48% do Valor Bruto da Produção (VBP).

Boa leitura!

FRUTICULTURA – ACEROLA

*Eng. Agrônomo Paulo Fernando de Souza
Andrade*

No Censo Agropecuário/2017 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE levantou os dados nacionais - hoje caducos - da produção de Acerola, os quais indicaram que a atividade rendeu um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 91,6 milhões para uma colheita de 61,0 mil toneladas (t), em uma área de 5,7 mil hectares (ha) distribuídos em 6,6 mil estabelecimentos rurais.

A cultura está pulverizada nas 27 unidades da federação, sendo pela ordem de importância: Pernambuco (31,6%), Piauí (14,2%) e Ceará (13,6%) os principais produtores, responsáveis por 59,5% do VBP da atividade. O Paraná figurou à época como o oitavo no ranqueamento nacional e participou com 4,8% do VBP do país, com 294 estabelecimentos rurais extraíndo 3,3 mil t. e gerando receitas brutas de R\$ 4,4 milhões, conforme o IBGE.

Na perspectiva estadual, atualmente, em 2024 as informações coletadas por este Departamento demonstram que a Acerola esteve presente em 81 municípios do estado, dos 399 totais, e movimentou um

VBP de R\$ 13,2 milhões, para um volume de 3,1 mil t. colhidas em 264 ha.

Os três principais Núcleos Regionais (NR) onde a cultura está presente respondem por 74,9% das quantias colhidas e do VBP. O NR Cianorte lidera participando com 48,0% destes indicadores, seguido por Umuarama, com 15,9%, e fechando a trinca com Pitanga, com 11,0%.

No município de Japurá/NR Cianorte, os cultivos em 85 ha proporcionaram uma colheita de 1,3 mil t. e R\$ 5,5 milhões de VBP, representando 32,2% da área e 41,8% dos volumes e da renda bruta. Em sequência, Nova Tebas/NR Pitanga participa com 330,0 t. extraídas em 20 ha e VBP de R\$ 1,4 milhão, participando com 7,6% da superfície estadual e 10,6% dos volumes e VBP, respectivamente, enquanto Pérola/NR Umuarama, cujos 35 ha renderam 220 t. e R\$ 935,0 mil de montante financeiro, contribuiu com 7,1% das quantidades extraídas e renda bruta e 13,3% das áreas de pomares, somando-se aos demais 78 municípios em graus decrescentes que atuam com a cultura.

A atividade é explorada preferencialmente por agricultores familiares e está associada a transformação agroindustrial em polpa, tendo empresas particulares e cooperativas como a força

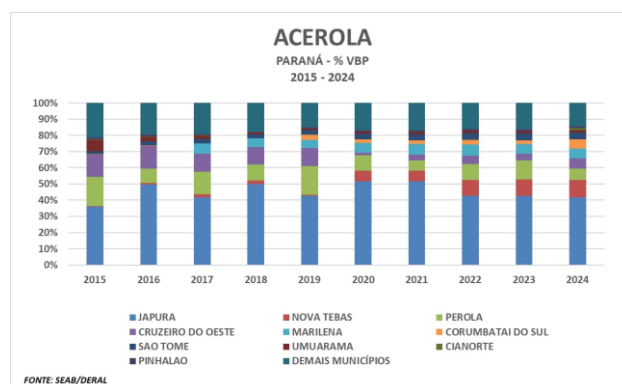
Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

motriz deste negócio. A Polpanorte, em Japurá, a FrutiPérola - Cooperativa dos Fruticultores de Pérola, no noroeste do estado, e a Coaprocor – Cooperativa Agroindustrial de Corumbataí do Sul/PR e região, no centro-ocidental, se destacam pela certificação orgânica.

Destaque deve ser dado à FrutiPérola que já teve subprodutos de acerola orgânica consolidados com cargas de fruticultores do Nordeste do país e exportou parte de sua produção para os Estados Unidos e Europa, atingindo um mercado consumidor extremamente exigente. E hoje tem acessado o mercado externo via traders de São Paulo.

Este Deral não coleta sistematicamente os preços recebidos pelos agricultores e os praticados no varejo da “cereja das Antilhas”, assim, a referência disponível para a fruta ‘in natura’ são as CEASA’S/PR - Centrais de Abastecimento do Paraná, que no ano de 2025 transacionaram nas praças de Curitiba, Londrina e Foz do Iguaçu tão somente R\$ 54,6 mil para 2,2 toneladas, conferindo um preço médio de R\$ 24,82/kg. A cotação de hoje no entreposto da capital foi de R\$ 23,00/kg. Por sua vez, na CEAGESP – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, o quilograma foi

comercializado a um preço médio de R\$ 12,75 em 13/05/26.



MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O relatório de condições de lavoura do Deral desta semana apontou uma leve piora nas condições no campo da segunda safra de milho 2026/27, principalmente nas regiões mais ao sul do Estado. Essa redução é decorrente, sobretudo, das primeiras geadas registradas no Paraná, que causaram danos pontuais em áreas de milho segunda safra.

Na semana passada, as lavouras classificadas em condição boa representavam 84% da área plantada. No relatório mais recente, esse índice caiu para 82%. As áreas em condição mediana passaram de 12% para 13%, enquanto as lavouras em condição ruim avançaram de 4% para 5% da área total.

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

Apesar dos danos observados, a expectativa é de que não haja impactos significativos na produção total do Estado, uma vez que os eventos climáticos ocorreram em regiões com menor participação na área cultivada. Atualmente, a maior parte da área plantada de milho segunda safra está concentrada na região Norte do Paraná. Neste ciclo, a região soma pouco mais de 1 milhão de hectares cultivados, o equivalente a 35,7% da área total do Estado.

A segunda região mais representativa em área cultivada é a Oeste, com cerca de 933 mil hectares plantados nesta safra.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O principal produto da agricultura paranaense, a soja, registrou incremento nas exportações neste primeiro quadrimestre de 2026. O Paraná embarcou pouco mais de 5,3 milhões de toneladas do complexo soja, que inclui grão, farelo, óleo e demais subprodutos. Esse volume é 3,2% superior ao registrado no mesmo período de 2025. Em termos financeiros, as exportações renderam US\$ 2,3 bilhões para a balança comercial paranaense, alta de

10,6% em comparação ao mesmo período do ano passado.

O principal cliente do Paraná é a China, responsável sozinha pela compra de mais de 59% de todo o volume exportado do complexo soja. O segundo principal comprador foi o Irã, com 6%, seguido pelo Vietnã, com 5%. Nestes primeiros quatro meses de 2026, o Paraná exportou algum item do complexo soja, mesmo que em pequeno volume, para 43 países.

No cenário nacional, as exportações do complexo soja totalizaram 48,67 milhões de toneladas, alta de 7,7% em relação ao mesmo período de 2025. O montante financeiro alcançou US\$ 20,14 bilhões, também com crescimento de 14,5% na comparação anual. O principal cliente do Brasil também foi a China, responsável por 56,7% do volume exportado. Na sequência aparecem Tailândia e Espanha, ambas com participação de 4% do volume total.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

O Brasil exportou mais de 953 mil toneladas de carne bovina no primeiro quadrimestre do ano, 15% e 30% a mais do que o registrado no mesmo período de 2025 e 2024, respectivamente, conforme a

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

análise quinzenal do Cepea, tendo a China como principal comprador. O volume adquirido pelo mercado chinês subiu quase 20% em relação ao mesmo período de 2025.

Na B3, a arroba do boi gordo segue em correção, com maior disponibilidade de animais aos frigoríficos nesse período. Cotada a R\$ 344,80, o produto acumula queda de 2,72% no mês.

No Paraná, o tempo frio e a ocorrência de geadas impactaram na produtividade das pastagens em algumas regiões nas últimas semanas. Atualmente, o boi gordo é comercializado, em média, por R\$ 343 no estado.

APICULTURA

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

No primeiro quadrimestre de 2026, de acordo com dados fornecidos pela Agrostat Brasil, as exportações brasileiras de mel “in natura” atingiram um total de 7.390 toneladas, representando uma retração 37,4% em relação ao mesmo período do ano anterior, quando foram exportadas 11.801 toneladas.

Em termos de receita, o faturamento em dólares alcançou US\$ 25,640 milhões, refletindo uma queda expressiva de 30,9% em comparação com o primeiro quadrimestre de 2025, que registrou US\$ 37,111 milhões em receita de exportação de mel.

O preço médio nacional do mel no período em questão foi de US\$ 3.469,61 por tonelada (US\$ 3,47 por quilo), denotando uma elevação de 10,3% em relação ao valor médio observado no mesmo período do ano anterior, que foi de US\$ 3.144,70 por tonelada (US\$ 3,14 por quilo).

No contexto das exportações estaduais, o Paraná continua a despontar na segunda posição no ranking, acumulando uma receita cambial de US\$ 5,337 milhões, com um volume de 1.555 toneladas e um preço médio de US\$ 3,43 por quilo (+ 6,3%).

Em comparação com o ano anterior, houve uma queda significativa tanto em volume (- 34%) quanto em receita (- 29%): volume (2.329 toneladas), receita (US\$ 7,520 milhões), porém alta no preço médio (+ 6,3% / US\$ 3,23/kg).

O estado de Minas Gerais liderou as exportações de mel no período em análise, com um total de US\$ 7,951 milhões em receita, oriunda da exportação de 2.227

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

toneladas, a um preço médio de US\$ 3,57 por quilo.

No ano anterior os números foram bem melhores: receita (US\$ 9.504 milhões), volume (2.991 toneladas) e preço médio (US\$ 3,18/ kg).

O estado de Santa Catarina ocupou a terceira posição, registrando US\$ 3,920 milhões em receita, provenientes da exportação de 1.150 toneladas, a um preço médio de US\$ 3,41 por quilo.

Em quarto e quinto lugar do ranking nacional da exportação de mel, encontram-se os estados do Piauí (577 toneladas e US\$ 1,937 milhões) e São Paulo (484 toneladas e US\$ 1,668 milhões), respectivamente.

Em termos de desempenho, assim aparecem os principais estados produtores e exportadores de mel (volume): Minas Gerais (- 25,5%), Paraná (- 33,2%), Santa Catarina (+ 10,1%), Piauí (- 68,7%) e São Paulo (+ 56,6%).

O destino primário das exportações brasileiras de mel no primeiro quadrimestre de 2026 prosseguiu sendo os Estados Unidos da América (EUA), absorvendo 58% do volume total exportado (7.390 toneladas), equivalente a 4.283 toneladas, gerando uma receita cambial de US\$ 14,751

milhões, com um preço médio de US\$ 3,44 por quilo.

No ano anterior, em igual período, importou 9.889 toneladas, gastou US\$ 31,023 milhões, a um preço médio de US\$ 3,14/kg.

Os outros principais destinos do mel brasileiro, foram: Canadá (1.718 toneladas e US\$ 5,921 milhões), Alemanha (633 toneladas e US\$ 2,406 milhões), Reino Unido (411 toneladas e US\$ 1,399 milhão), Polônia (124 toneladas e US\$ 292.384) e Filipinas (116 toneladas e US\$ 417.053).

Sobre exportação para os EUA, o principal comprador do mel brasileiro, vale lembrar que, em 20 de fevereiro de 2026, decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou o tarifaço de 50%, as chamadas tarifas recíprocas.

Com essa medida, produtos do setor agropecuário como pescados, mel, uva, tabaco e café solúvel deixaram a alíquota de 50% para retornar à tarifa geral, que oscila entre 10% e 15%.

Esse alívio tarifário, somado à valorização do produto, abre uma perspectiva otimista para a recuperação das margens brasileiras ao longo do ano.

Contudo, os dados de abril de 2026 revelam que os efeitos desse protecionismo

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

ainda são uma realidade amarga no curto prazo.

No computo do acumulado do primeiro quadrimestre de 2026, as exportações para os EUA sofreram uma retração de 56,6% no volume embarcado e de 52,4% na receita cambial em relação ao ano anterior.

Um aspecto positivo, no entanto, foi o crescimento de 9,8% no valor da tonelada do mel, que saltou de US\$ 3.137,16 (2025) para US\$ 3.444,07 (2026).

Felizmente, a menor importação do mel brasileiro por parte dos norte-americanos foi, de certa forma, compensada pela ascensão de novos importadores, por exemplo: Filipinas (116 toneladas e US\$ 417.053) e Polônia (124 toneladas e US\$ 292.384). E por maiores aquisições por parte de tradicionais importadores (volume): Canadá (+ 80,8%), Alemanha (+85,6%), Reino Unido (+ 65,7 %).

Apesar do otimismo sobre o futuro, os números de abril ainda mostram a inércia do impacto negativo. No mês de abril deste ano, os EUA importaram 1.628 toneladas de mel (US\$ 5,612 milhões), uma queda expressiva, frente às 2.072 toneladas (US\$ 6,785 milhões) de abril de 2025.

Em termos percentuais, a performance foi negativa em volume (-

17,3%) e receita (- 21,4%), embora o custo médio da tonelada tenha subido 5,3%: US\$ 3.274,64 (2025) e US\$ 3.447,41 (2026).

No mês de abril de 2026, tanto o Canadá (+140,4% e 146,4%) como a Alemanha (301,6% e 247,7%) tiveram participações expressivas nas exportações do mel brasileiro, principalmente no tocante a volume e receita cambial.

Daqui para a frente, resta observar e torcer para que essa tendência de recuperação do comércio bilateral EUA e Brasil se confirme.

A priori, vencida a questão tarifária, agora o principal fator de incerteza reside no cenário geopolítico: um eventual agravamento do conflito envolvendo EUA, Israel e Irã pode comprometer as projeções, elevando custos operacionais críticos, como seguros, fretes e combustíveis.

AVICULTURA DE CORTE

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos (CNPISA), o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviário tipo climatizado em pressão

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

positiva, atingiu em abril de 2026 o valor de R\$ 4,70/kg.

Essa realidade representa uma retração de 0,42% (- R\$ 0,02) em relação ao mês anterior (março: R\$ 4,72/kg) e de 3,7% (- R\$ 0,18/kg) em comparação com abril de 2025, cujo valor foi de R\$ 4,88/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) foi de + 363,50 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos) em abril de 2026, representando uma leve queda de 0,51% em relação a março, que registrou 365,38 pontos, e uma queda mais drástica de 3,8% em relação a abril de 2025 (377,69 pontos).

No ano, o ICPFrango acumulado atingiu uma variação de + 0,91%. Nos últimos 12 meses, a variação foi de - 3,76%.

Comparado ao mês anterior, o ICPFrango registrou queda nos gastos com ração das aves (- 0,64%) e na genética (- 1,88%), alta no item na energia elétrica, calefação e cama (+ 0,68%) e sanidade (+ 35,70%) e estabilidade nos demais itens: mão-de-obra e transporte.

No ano a situação foi a seguinte: alta nos itens ração (+ 1,82%), mão-de-obra (+ 0,45%), energia elétrica, calefação e cama (2,85%) e transporte (+9,39%), porém queda nos itens sanidade (- 1,67%) e custo do capital (- 11,21%).

Entretanto, considerando-se os doze meses, tem-se: baixa no item ração (- 8,45%) e custo de capital (- 9,42%).

Nos demais itens, o que se viu foi crescimento de valores: genética (+ 11,12%), mão-de-obra (+ 1,04%), energia elétrica, calefação e cama (+ 11,20%), transporte (+ 1,32%) e sanidade (+ 35,70%).

Os custos com a nutrição dos animais tiveram uma queda de - 0,64% no ano e baixa de 8,45% nos últimos 12 meses, representando 63,52% do ICPFrango.

Na aquisição de pintinhos de um dia, a genética (com peso de 18,64% sobre o ICPFrango) teve uma queda de 1,67% no ano e crescimento de + 11,12% nos últimos 12 meses.

No Paraná (coeficientes técnicos: área 1.500m², peso 2,9 kg, mortalidade 5,5%, CA 1,7 kg, 6,2 lotes/ano), a alimentação dos frangos de corte, principal item no custo de produção, passou a representar 63,40% do custo total de produção (R\$ 4,70/kg).

Em abril de 2026, o valor da alimentação foi de R\$ 2,98/kg, o que representou uma leve queda de 0,67% (- R\$ 0,02/kg) em relação a março (R\$ 3,00/kg) e uma retração de 8,6% (- R\$ 0,28/kg) em relação a igual mês de 2025 (R\$ 3,26kg).

Boletim Conjuntural Semana 21/2026 – 21 de maio de 2026

Nos principais estados criadores de frangos de corte e produtores de carne, os custos de produção em abril de 2026 foram os seguintes: Santa Catarina (R\$ 4,90/kg) e Rio Grande do Sul (R\$ 4,86/kg), ambos com elevação em relação a março, respectivamente de + 0,62% e + 0,21%.

Em abril de 2026, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor no Paraná foi de R\$ 4,62/kg, representando uma alta de 0,7% em relação ao preço médio estadual do mês anterior (+ R\$ 0,03), cujo valor foi de R\$4,59/kg. Sobre igual mês do ano anterior (R\$ 5,07/kg), observa-se retração de 8,9% (- R\$ 0,45/kg).

Com esse valor de R\$ 4,62/kg, o preço médio estadual de abril do ano corrente está 6,1% menor (- R\$ 0,30) que o preço médio estadual alcançado em todo ano de 2025 (R\$ 4,92).

Resumindo: o preço nominal médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, fechou em abril de 2026 no valor de R\$ 4,62/kg, resultando abaixo do custo médio de produção da ave viva, que no compute do mesmo mês estacionou no valor de R\$ 4,70/kg.

Segundo informações da SEAB/DERAL, o preço do milho no atacado paranaense em abril de 2026 atingiu R\$

63,58/sc de 60 kg, representando um aumento de 1% (+ R\$ 0,66) em relação ao mês anterior (março: R\$ 62,92/sc de 60 kg) e queda de 13,9% (- R\$ 10,26) sobre o valor de igual mês do ano anterior (R\$ 73,84/sc 60 kg). O preço nominal médio de 2025 fechou em R\$ 66,30/sc de 60 kg.

Já o farelo de soja, outro insumo relevante para a nutrição das aves, atingiu em abril de 2026 o valor de R\$ 1.885,50/tonelada, 1,3% maior que o preço médio estadual de março (R\$ 1.862,06/tonelada) e 2,1 % (- R\$ 40,76) inferior sobre o valor de igual mês do ano anterior (R\$ 1.926,26/sc 60 kg). O preço nominal médio de 2023 fechou em R\$ 1.841,73/tonelada.